

## OLHAR COMO ESTRATÉGIA DE POLIDEZ ENTRE DUAS ESTUDANTES DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL

*The look as politeness strategy between two students of Brazilian Portuguese as additional language*

Rodrigo Albuquerque (UnB)

**Resumo:** Refletir sobre semioses não verbais no contexto do ensino de português brasileiro como língua adicional constitui também objetivo do estudante estrangeiro, que almeja, na relação de ensino e de aprendizagem, ter acesso não apenas à estrutura linguística, mas ter contato com discussões que permeiam as contingências intersubjetivas e socioculturais. Diante dessa demanda, propomos, neste estudo, analisar o olhar como semiose não verbal modalizadora em negociação entre duas estudantes do curso de Português Brasileiro como Língua Adicional. Para tanto, este trabalho enquadra-se na área da pragmática, assim como nos estudos do olhar como semiose não verbal. Para a geração de dados, foi selecionado um excerto interacional, a partir da gravação em vídeo de uma aula de português para estrangeiros no nível intermediário cuja primeira língua desses estudantes seja o espanhol, com posterior visionamento das situações que envolvam o uso da estratégia investigada (o olhar). Constatamos, nos dados sob análise, que Sumalee emitiu olhar impositivo em direção a Ayelén e tentou atenuar a imposição gerada pelo olhar à interlocutora, que manifestou, posteriormente, o desconforto. Por fim, somos partidários de que o debate acerca do olhar, como semiose facilitadora do processo interacional, é de máxima relevância, para que o estudante possa se enquadrar na realidade sociocultural da qual participa em busca de interações, cada vez mais, mais harmônicas com/entre seus pares.

**Palavras-chave:** (im)polidez, modalização do olhar, ensino de português brasileiro como língua adicional, semioses não verbais, invasão territorial.

**Abstract:** Reflecting on non-verbal semiosis in the context of the Brazilian Portuguese Teaching as Additional Language is also an objective of the foreign student, which aims, in the teaching and learning relation, have access not only to linguistic structure, but have contact with discussions that permeate the inter-subjective and sociocultural contingencies. Faced with this demand, we propose, in this study, to analyze the look as a negotiation of non-verbal modalized semiosis between two students at a course of Brazilian Portuguese as Additional Language. Therefore, this work is part of the pragmatic area, as well as in studies of the look in the perspective of a non-verbal semiosis. For data generation process, an international excerpt was selected from a recording of a Portuguese class for foreigners at the intermediate level whose first language of these students are Spanish, with subsequent looking at situations involving the use of strategy investigated (the look). We note, in the data analysis, which Sumalee issued an imposing look toward Ayelen and Sumalee tried to mitigate the imposition generated by looking at the interactant, who expressed, subsequently, discomfort. Finally, we are in favor that the discussion about the look, as facilitator semiosis of the interactional process, is too relevant, in order that the student can fit the sociocultural

reality of which participates in search of interactions, increasingly, more harmonic with/among their peers.

**Keywords:** (im)politeness, the look modalization, teaching Portuguese as Additional Language, non-verbal semiosis, territorial invasion.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para o início de nosso texto, consideramos imprescindível debater acerca do termo *modalização*, que ganha, com muita frequência no discurso do senso comum, uma pseudo-sinonímia com as expressões *mitigação* e *atenuação*. Enunciações similares a *Você precisa modalizar sua fala* (o que equivaleria, em nossa investigação, a *Você precisa modalizar o seu olhar*), com o sentido de abrandá-la, atenuá-la, suavizá-la, constituem exemplos desse uso. Assim como garante Cançado (2012), destaco que a relação entre modalização e atenuação é de hiperonímia/hiponímia, não de sinonímia (CANÇADO, 2012). Na interação face a face, costumamos, assim como nos assegura Kerbrat-Orecchioni (2006 [1943]), decidir qual modalização desejamos utilizar em nosso discurso diante de dado contexto e tal seleção está associada, a meu ver, a ajustes linguístico-discursivos (ALBUQUERQUE, 2015, p. 194).

Concebemos que esses ajustes (o ato de modalizar) em relação ao olhar estão plenamente associados com as convenções de polidez. Em outras palavras, o grau de imposição<sup>1</sup> estabelecido entre os interlocutores se relaciona com o próprio comportamento do olhar/visual (cf. Knapp, 1972) e seu respectivo caráter proxêmico<sup>2</sup>, podendo, com frequência, se associar a aspectos verbais.

---

<sup>1</sup> Para que o locutor seja avaliado como polido, Brown & Levinson (1987) recomendam que esse sujeito deve minimizar o grau de imposição gerado ao seu interlocutor. Por essa razão que polidez e imposição se relacionam, ou seja, quanto mais polido for o sujeito, menor imposição ele deve ter gerado a seu interlocutor. A teoria de polidez foi proposta originalmente por Brown & Levinson (1987), porém a discussão foi previamente semeada por Goffman (1967) e Grice (2006 [1975]), e posteriormente ampliada por Lakoff (1973) e Leech (1983). Buscamos utilizar esse percurso epistêmico em razão de o olhar fixo possuir potencial caráter ameaçador à *face* do interlocutor (cf. Brown & Levinson, 1987) e necessitar de ajustes verbais e não verbais, com vistas a preservar a harmonia conversacional entre os interagentes.

<sup>2</sup> A proxêmica está relacionada, segundo Hall (1963, p. 1003), ao modo como o homem organiza inconscientemente seu microespaço; é ela que regula a distância considerada adequada entre os sujeitos nas atividades cotidianas. As principais notações propostas por Hall (1963) são marcadores posturais de gênero, orientação espacial, fatores cinésicos, contato físico, **direcionamento do olhar**, temperatura, olfato, volume da voz (grifo nosso).

Nesse sentido, Kendon (1970) chama a atenção para a sincronia interacional, que consiste na integração entre atos verbais e não verbais em um mesmo sujeito (suas ações verbais são executadas em consonância com as não verbais) e entre interagentes (determinado sujeito pode ter dada ação verbal e provocar, no outro, reação não verbal). Apesar de darmos aqui foco a uma análise não verbal, deixamos claro que, por vezes, o olhar, como estratégia interacional, não atua isoladamente, mas em conjunto com atos verbais.

Retomando o debate acerca da proxêmica, Lyman & Scott (1967) esclarecem que a violação territorial, considerada um dos mecanismos de intrusão territorial, consiste no uso do território do outro sem o seu consentimento e exemplificam essa ação com o olhar fixo (o ato de encarar alguém), que pode gerar reações verbais e/ou não verbais. As normas de polidez, desse modo, são responsáveis por regular as interações e impedir reações verbais diretas às invasões territoriais (KNAPP & HALL, 1992, p. 154).

Em face das idiossincrasias do olhar, propomos, neste estudo, analisar o olhar como semiose não verbal modalizadora (atenuadora ou intensificadora) em negociação entre duas estudantes do curso de Português como Língua Adicional. Em sintonia com nosso objetivo, desejamos encontrar respostas à seguinte questão investigativa: “Como o olhar, como semiose não verbal modalizadora, é negociado entre as estudantes em sala de aula?”.

Para tanto, este trabalho enquadra-se na área da pragmática, representada por Goffman (1963, 1967), Grice (2006 [1975]), Lakoff (1973), Leech (1983) e Brown & Levinson (1987), no debate acerca da teoria de polidez; assim como nos estudos do olhar como semiose não verbal, nas vozes de Argyle & Dean (1972 [1965]), Kendon (1967, 1970, 1990), Knapp (1972), Burgoon & Saine (1978), Davis (1979), Argyle *et al.* (1981), Exline & Fehr (1982), Lyman & Scott (1967), Knapp & Hall (1992) e Rector & Trinta (2005).

Fazendo breve percurso nos estudos pioneiros de polidez, convém recorrer ao conceito de *face*, de Goffman (1967), que consiste no valor social reivindicado no momento da interação entre locutor e seus interlocutores. Em outras palavras, o autor

(*ibid*) ressalta ser esperado o respeito mútuo às *faces* do locutor e do interlocutor nas interações interpessoais, em relação à territorialidade do outro (preservação de *face* do **interlocutor**, deixando-o livre em suas ações e minimizando ou anulando quaisquer atos impositivos); e à autoimagem (necessidade do **locutor** em ser apreciado/aprovado por outros interagentes). Os aspectos territoriais, que se vinculam bastante ao nosso estudo, são necessidades da *face* negativa, já o respeito à autoimagem relaciona-se com os desejos da *face* positiva (GOFFMAN, 1967).

O Princípio Cooperativo e as Máximas Conversacionais (Grice, 2006 [1975])<sup>3</sup>, por vezes, entram em conflito com as necessidades da *face* e, por conseguinte, com as estratégias de polidez. O paradoxo entre sinceridade e polidez constitui exemplo ao marcar o potencial conflito na decisão entre respeitar a Máxima da Qualidade (ser verdadeiro) ou as convenções de polidez (ser polido). No Brasil, por exemplo, olhar demasiadamente para alguém é tão impolido quanto apontar para um desconhecido, o que pode constituir ato bastante ingênuo e sincero, porém será avaliado negativamente por ser desrespeitoso/impolido. Fraser (1990, p. 227) inclusive destaca que o Princípio Cooperativo e o Princípio de Polidez funcionam, assim, como cabo-de-guerra.

Ao tratar de competência pragmática, Lakoff (1973) inclui a necessidade de oferecer opções ao nosso interlocutor, minimizando, assim, quaisquer imposições a ele. Um olhar fixo e duradouro entre interlocutores desconhecidos tende a ser ameaçador (impositivo), devido ao fato de essa ação demandar, de algum modo, uma reação obrigatória a esse olhar (o interlocutor não tem outra opção). Além dessa recomendação, a autora (*ibid*) também expressa textualmente a necessidade de não nos tornarmos impositivos, a partir da adequada avaliação dos níveis de formalidade e de distanciamento (quanto maior a formalidade entre os interagentes, maior deve ser

---

<sup>3</sup> O Princípio Cooperativo está relacionado à necessidade de o interagente fazer com que sua contribuição conversacional seja dada conforme as exigências interacionais. Já as Máximas Conversacionais são divididas em: qualidade (a contribuição deve ser verdadeira, isto é, não devemos dizer nada falso ou que careça de evidências adequadas); quantidade (a contribuição não deve ser nem mais nem menos informativa); relevância (a contribuição deve ser relevante); e modo (a contribuição não deve ser obscura nem ambígua, mas breve e ordenada) (GRICE, 2006 [1975], p. 45-7).

o distanciamento entre eles e, conseqüentemente, menor imposição é gerada ao outro).

Em conformidade com essa advertência, Leech (1983), ao descrever a Máxima do Tato, reitera a importância de minimizarmos o custo ao outro e maximizarmos o benefício a ele. Nessa mesma linha de pensamento, Brown & Levinson (1987), por meio da estratégia de polidez negativa *Minimize imposições* (relativa à territorialidade), asseguram que os interlocutores possuem necessidade de se sentirem livres nas suas escolhas, optando, assim, pela esquiva de modo geral. Por essa razão que os olhares fixos tendem a ser impolidos, especialmente na avaliação dos brasileiros que, em geral, percebem o caráter ameaçador dessa ação não verbal.

No desfecho desse clássico percurso dos estudos de polidez, reitero a perspectiva intercultural deste trabalho, amparada no pensamento de Kerbrat-Orecchioni (2004, p. 50), de que a polidez, como construto teórico, é universal, porém sua manifestação é distinta nas inúmeras instâncias socioculturais. Bravo (2004a, p. 8), por seu turno, admite que o forte etnocentrismo sociocultural colaborou com o apagamento da imagem social dos interlocutores, bem como daquilo que pode ser considerado ameaçador, perdendo de vista as idiosincrasias dos grupos e a dimensão individual dos sujeitos (BRAVO, 2004b, p. 28).

Diante dessas reflexões iniciais, bem como da explicitação do nosso objetivo de pesquisa e da nossa questão investigativa, apresentaremos, na sequência, (1) ações e reflexões metodológicas, tratando da fundamentação metodológica e dos procedimentos de pesquisa; (2) um olhar sobre o olhar, com base nos resultados do estudo e nas reflexões teórico-metodológicas; e (3) considerações finais, reunindo as principais contribuições deste estudo para o ensino de português como língua adicional.

## 2. AÇÕES E REFLEXÕES METODOLÓGICAS

Como reflexão metodológica inicial, optamos pelo uso de ferramentas etnográficas não apenas pelo caráter qualitativo de nossa investigação, mas,

sobretudo, pela possibilidade de gerar nos colaboradores a reflexão de suas próprias ações sociais como reveladoras de sentido na interação face a face. De acordo com Angrosino (2009, p. 20), a pesquisa etnográfica de natureza sociointeracionista pretende “desvelar os significados que os atores sociais atribuem às suas funções”. Em sintonia com esse pensamento, minha pesquisa alinha-se fortemente a essa preocupação, por trazer à tona, na interação face a face, o sentido subjacente às ações dos atores sociais do estudo, que deve ser discutido com/entre esses atores sociais, e não centralizada em mim, o pesquisador.

Essa análise se torna possível graças às possibilidades inerentes à pesquisa etnográfica: o caráter êmico (a experiência da pesquisa do ponto de vista do colaborador) e a reflexividade dos sujeitos envolvidos, bem como a triangulação de dados (os dados podem ser analisados por vários ângulos, e não necessariamente por três, como proposto originalmente), que valoriza, no caso desta pesquisa, as contribuições do etnógrafo, das reflexões teóricas e dos colaboradores (sem qualquer ordem de importância).

No estudo de uma língua adicional, o aluno deseja não apenas ter acesso à estrutura formal, mas anseia também por discutir aspectos que incidam sobre suas relações interpessoais no plano discursivo (o que garante um debate acerca das semioses não verbais, incluindo, evidentemente, o olhar). Percebemos então no planejamento desta pesquisa que a investigação qualitativa possibilita a esse estudante perceber um mundo interconectado com as práticas sociais e com os significados advindos destas (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32).

Cientes dessa necessidade de trazer à consciência desses sujeitos os efeitos de suas ações, considerei participantes todos os aprendizes que se dispuseram a colaborar com este estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Cessão de Uso de Imagem (TCUI), concordando, assim, com a participação voluntária em todas as etapas da pesquisa.

Porém, para a análise do olhar, como estratégia de (im)polidez, registramos uma interação das nossas colaboradoras de pesquisa Ayelén<sup>4</sup> (estudante boliviana) e Sumalee<sup>4</sup> (estudante tailandesa) em que o olhar pudesse funcionar como ferramenta intensificadora/atenuadora de imposição, podendo ser associado a um ato (im)polido da parte de seu enunciador. Essa geração de dados<sup>5</sup> ocorreu na sala de aula de português para estrangeiros no Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (NEPPE), da Universidade de Brasília (UnB)<sup>6</sup>.

Sobre nossas participantes, podemos destacar que Ayelén (37 anos) é boliviana e residia em Brasília desde outubro de 2013. Coursou, no país de origem, bacharelado em direito, sem, no entanto, atuar na área nem na Bolívia nem no Brasil. Em contrapartida, a colaboradora recentemente havia sido convidada para ministrar aulas particulares de língua espanhola. Sumalee (25 anos), por sua vez, é tailandesa e residia em Brasília desde novembro de 2014. Terminou a educação básica na Tailândia, o que corresponde ao Ensino Médio no Brasil, mas não iniciou qualquer formação em nível superior.

Ressalto que ambas as colaboradoras, assim como Nora e Estela (participantes envolvidas indiretamente no excerto interacional), concordaram em participar do

---

<sup>4</sup> Os nomes utilizados na pesquisa são pseudônimos e visaram à preservação das identidades dos colaboradores. Todos os nomes fictícios foram escolhidos por mim, a partir da observação do modo como as estudantes e a professora buscavam interagir, e da pesquisa de nomes que fossem comuns na cultura de cada colaboradora. O nome Ayelén, de origem espanhola, significa “sorriso, alegria”, que eram características da participante. Mesmo diante de tantas dificuldades com a aprendizagem da língua alvo, a aprendiz sempre estava sorridente e bem humorada, tratando todos com civilidade e carinho. Já o nome Sumalee, de origem tailandesa, significa “flor”, escolhido com base na percepção dos estudantes em relação à docente. Ressalto, em tempo, que Estela (professora brasileira) e Nora (estudante venezuelana), pseudônimos presentes no excerto interacional sob análise, não foram consideradas interagentes nessa circunstância por não participarem ativamente da negociação de olhares, pois Nora apenas fez a leitura do texto, e Estela perguntou se os estudantes tinham alguma dúvida.

<sup>5</sup> Johnstone (2000, p. 22-4) é quem justifica o emprego da expressão *geração de dados*, e não *coleta de dados*, pois, para a autora, os dados consistem em resultado da observação, da análise de dada interação. Assim, acreditamos que os dados, em pesquisa qualitativa, não estão prontos para uma coleta, mas eles se constroem (e se reconstroem) no decorrer do processo investigativo.

<sup>6</sup> As atividades do NEPPE são centralizadas nas ações de coordenar, supervisionar e promover o ensino por meio de oferta de cursos de Português para Estrangeiros, incluindo cursos regulares bimestrais ou intensivos nos períodos de recesso; fortalecer e incentivar a pesquisa científica na produção de conhecimentos na área de Português para Estrangeiros; e constituir-se parceiro do estágio curricular, extracurricular e de outras atividades práticas que devem ou podem ser cumpridas por estudantes da Universidade de Brasília ou por grupos de professores em serviço (informações oriundas do sítio do NEPPE: [www.neppe.unb.br](http://www.neppe.unb.br)).

estudo voluntariamente e permitiram, do mesmo modo, que fossem realizadas as filmagens das aulas. Além disso, todas elas se dispuseram a contribuir também no visionamento da pesquisa. Reiteramos que a reflexão sobre aspectos da linguagem em sala de aula (sobretudo a semiose não verbal em análise: o olhar) não deve ocorrer apenas a partir da mediação do professor, mas, principalmente, entre os participantes, proporcionando o fortalecimento destes, conforme recomenda Barbour (2009). Logo, o visionamento torna possível discutir, no caso de nossa investigação, os aspectos verbais e não verbais, que atuam como modalizadores de atos impositivos, promovendo, com isso, reflexividade intercultural.

O tópico do visionamento foi o excerto interacional que se segue, e a análise realizada incidu, assim como já mencionamos, sobre o olhar, como semiose não verbal negociada entre Ayelén e Sumalee. Na ocasião, Estela (a professora) pediu que Nora fizesse a leitura de determinado trecho do texto *O Banheiro*, de Millôr Fernandes. Durante esse processo, Ayelén, atrasada cinco minutos após o início da aula, bateu à porta. Ao entrar na sala, a aluna buscou sentar-se imediatamente.

**Quadro 1:** Excerto Interacional (transcrição dos dados de pesquisa).

/.../

|    |                 |  |
|----|-----------------|--|
| 1  | <b>Nora:</b>    | “é qui (.) que a dona de casa (.) a ma/ a mãe de família (.) um:: (.) tanto consumida pelos anos vem chorar silenciosamente (.) no dia em descobre sua suspeita do marido (.) infidelidade (...) erro ou intenção em ser in-insensata (.) da parte do marido (..) filho filhas irmãos (.) é que ninguém a suprenderá pode armargar-se” |
| 5  | <b>Ayelén:</b>  | [[((bate à porta))   |
| 6  | <b>Sumalee:</b> | [[((deixa de   |
| 7  |                 | olhar para o texto e eleva a cabeça e o olhar em direção à porta))   |
| 8  | <b>Nora:</b>    | “até o-os soluços e sair depois de alguns momentos pronta e tranquila (...)”   |
| 9  | <b>Ayelén:</b>  | [[licença profe ((entrando na sala em direção a uma cadeira próxima à Sumalee))  |
| 11 | <b>Sumalee:</b> | [[((olha fixamente para Ayelén, direcionando o olhar por duas vezes em movimento ascendente e descendente, durando 3 segundos e afasta a carteira ao seu lado para que Ayelén se sente na seguinte, olha de soslaio durante 1 segundo e retorna o olhar para o texto))   |
| 15 | <b>Nora:</b>    | “com a alma lavada e rosto idem (..) para enfrentar sorri-sorridente (.) os outros misteriosos”  |
| 17 | <b>Ayelén:</b>  | [[((passa a mão em sua blusa e a puxa para baixo))   |
| 18 | <b>Nora:</b>    | “e distantes seres (.) que vivem no mesmo lar”   |
| 19 | <b>Estela:</b>  | alguma palavra?  |

/.../

Com base nos dados não linguísticos que emergem desse excerto, pudemos refletir no visionamento acerca das próprias ações das colaboradoras e compreender o funcionamento do olhar como recurso semiótico modalizador de atos impositivos e, sobretudo, como estratégia de (im)polidez. Essa prática tornou possível compartilharmos, construirmos e negociarmos sentidos em conjunto, bem como entendermos o porquê dessa convencionalização no universo sócio/intercultural dos interagentes. Ressaltamos, por fim, nossa preocupação em seguir todas as normas éticas em vigor sobre pesquisa com seres humanos, de modo que todos os procedimentos aqui adotados são de minha inteira responsabilidade.

### 3. UM OLHAR SOBRE O OLHAR

Não é de hoje que o olhar tem sido objeto de estudo das mais variadas áreas. Segundo Davis (1979, p. 69), o olhar fixo, historicamente, já vem sendo avaliado como ameaça em potencial, documentada através de toda a história da humanidade. Muitas culturas, segundo a autora (*ibid*), acreditam, inclusive, no poder do “mau-olhado”, responsável por gerar danos a quem o recebe.

Kendon (1967, p. 22-3) expõe uma série de preocupações relativas à consciência de significado social do direcionamento do olhar. Contudo, o viés investigativo àquela época estava centrado na psicologia experimental, o que evidenciava pouco interesse no olhar como estratégia sociointeracional.

Em relação à natureza das investigações, Knapp (1972, p. 130-1) evidencia que o estudo do comportamento visual [*eye behaviour*] assumiu duas vertentes: uma que se dedicava à discussão dos olhares mútuos, da interação visual ou da fixação do olhar; e a outra cujo interesse se voltava para a dilatação e a constrição pupilar. Ressalto, desde o princípio, que esta pesquisa, por estar vinculada aos estudos sociopragmáticos e interculturais, alinha-se com a primeira vertente, compreendendo a negociação do olhar entre os interlocutores como fonte de sentidos intrínsecos à interação face a face. No excerto interacional, busquei na descrição dos atos não verbais dar destaque aos aspectos dinâmicos (relativos ao funcionamento e à fixação dos olhares), como pode

ser constatado às linhas 6 e 7, e 11 a 14, e às reações dos interagentes diante dos olhares, como pode ser avaliado à linha 17. Por ter percebido que era observada pela colega, Ayelén, segundo ela própria revelou durante as reflexões êmicas, acreditou que sua roupa estava curta demais, o que a motivou puxar a blusa para baixo.

Exline & Fehr (1982, p. 92) destacam que, quando avaliamos o olhar, devemos investigar a duração e o(s) ponto(s) de fixação, assim como necessitamos distinguir olhar fixo [*eye-gaze*] de olhar fixo mútuo [*eye contact*]. Sumalee, às linhas 11 a 14, lançou mão de olhar fixo; porém, Ayelén não correspondeu a esse olhar, não gerando imposição a Sumalee (não invadiu o território da colega, mesmo tendo percebido que o seu havia sido violado). Sentiu-se, assim, inibida e preocupada com o que os outros estavam pensando sobre sua roupa porque, provavelmente, havia algo inadequado com sua vestimenta (linha 17).

Semelhante ao olhar recebido por Ayelén, narra Davis (1979, p. 71) que um aventureiro em seu primeiro dia de viagem a Tel Aviv ficou extremamente desconcertado com o olhar, nas palavras dele, “que o media de alto a baixo”, tendo a impressão de estar despenteado. Contudo, esse viajante soube depois que os israelenses não consideravam ameaçador o olhar fixo, mesmo entre desconhecidos.

Ao discutir as idiosincrasias socioculturais, Laghrich (2004) exemplifica a noção de descortesia (termo adotado por ele) por meio de experiência vivenciada pelo pesquisador relacionada ao olhar.

Devido a um olhar normal para muitas pessoas daqui [da Espanha], um olhar direto de um profissional dos serviços sociais [direcionado] a um imigrante, tive de mediar entre os dois e explicar ao imigrante que a intenção não era ofendê-lo, mas escutá-lo com mais atenção<sup>7</sup>.

O olhar tem a função de oferecer ao enunciador a possibilidade de controlar as ações de seu interlocutor. Assim, nas palavras de Kendon (1990, p. 81), podemos nos

---

<sup>7</sup> Tradução minha para o seguinte trecho: *Por una mirada normal para muchas personas de aquí [en España], una mirada directa de un profesional de los servicios sociales a un inmigrante, tuve que mediar entre los dos y explicarle al inmigrante que la intención no era ofenderle sino escucharle con más atención.*

referir à função de monitoramento do olhar em busca de regularmos e expressarmos determinadas reações.

Ao tratar do contato visual nas imagens, Kress & Van Leeuwen (2006 [1996], p. 366), com base nas ideias de Halliday, compreendem que o olhar do interlocutor gera no outro a demanda de, em certa medida, entrar em espécie de relação imaginária com seu interagente. Essa relação, evidentemente, poderá ser estabelecida de acordo com uma série de fatores, tais como a relação entre os interagentes e a finalidade do contato visual, que influenciarão o interlocutor a desviar ou a corresponder a esse olhar, bem como a avaliá-lo negativa ou positivamente, ou ainda, a assumir sua projeção de modo impositivo ou valorizador.

De acordo com Argyle & Dean (1972 [1965], p. 302), o contato visual pode variar conforme o papel do interlocutor na conversa, a natureza do tópico conversacional, as diferenças individuais (embora só se refiram a grupos no que diz respeito a gênero, idade, etnia) e a relação entre os interagentes. Sumalee explicitou no visionamento que não estava olhando para Ayelén com alguma intencionalidade específica, mas achava estranho a colega sempre chegar após o início da aula. Mesmo sem ter plena consciência, já havia julgamento da parte de Sumalee, reiterando, assim, o caráter avaliativo de seu olhar que, neste caso, se constituía de maneira impositiva.

Ao tratar da visão como mecanismo responsável por perceber e por comunicar, Rector & Trinta (2005, p. 35-6) asseguram que, na maioria das culturas, o olhar fixo tende a ser mal avaliado, constituindo sinônimo de pouca polidez ou de ameaça. Em alinhamento com essa máxima, relativamente universal entre as culturas, Sumalee buscou não permanecer com o olhar fixo durante muito tempo em direção a Ayelén, embora esta tivesse percebido que estava sendo observada, e à medida que sua colega se aproximava, Sumalee buscava lateralizar o olhar e o retornava, em seguida, para o texto (linhas 9 a 14). Argyle *et al.* (1981, p. 285) esclarecem que uma forma de inibir olhares muito impositivos é manter certa distância do interagente, pois é esperado, de acordo com eles (*ibid*), que as distâncias menores reduzam os contatos visuais, em consonância com a ação praticada por Sumalee.

Goffman (1963, p. 84), inclusive, reconhece que quando estamos diante de estranhos, seja transitando pela rua, seja em restaurantes, isto é, em situações em que não desejamos iniciar uma conversa, buscamos adotar a desatenção civil [*civil inattention*], uma espécie de *desatenção cortês* (expressão empregada por Davis, 1979, p. 72). Para Goffman (1963, p. 84), acabamos optando por olhar [*look at*], mas sem olhar fixamente [*stare*], sendo essa desatenção apropriada para contatos visuais de aproximadamente 2,5 metros (8 pés), a partir do desvio de olhar, comparado pelo autor (*ibid*) como escurecimento de luzes [*dimming of lights*].

Apesar de Sumalee ter estabelecido contato breve (duração curta) e olhar de soslaio (obliquamente), às linhas 11 a 14, essa mitigação não foi suficiente para atenuar o caráter ameaçador, pois o conjunto de ações relacionadas ao olhar suscitou a reação de Ayelén em puxar sua blusa para baixo (linha 17), mesmo sem ter sido essa a sinalização *pretendida* por Sumalee.

O olhar de soslaio pode indicar interesse ou hostilidade, a depender dos demais gestos que o acompanham (GOMAN, 2010; PEASE & PEASE, 2005). Ressalto a necessidade de esse olhar ser avaliado não apenas em conjunto com os demais gestos, mas também com os contatos visuais que o antecedem ou o sucedem, além de levar em consideração os atos de fala (verbais e não verbais) e o contexto no qual os interlocutores estão inscritos. Não podemos avaliar, segundo Burgoon & Saine (1978, p. 211), que o nosso interagente se sente desconfortável apenas pelo olhar, mas devemos observar outras semioses, como o movimento das mãos e dos pés, para confirmarmos essa reação.

Esse olhar de soslaio, também denominado por Givens (1981, p. 224) de olhar lateral, se caracteriza por ser um movimento de olhos para o lado com leve ou nenhum movimento de cabeça, pois, quando essa ação é nítida, Givens (*ibid*) classifica-a como olhar lateral máximo.

Além disso, o contato visual, segundo Rulicki & Cherny (2007, p. 37), varia em duração, direção e intensidade. De acordo com os autores (*ibid*), o olhar frontal e sustentado, diferentemente do de Sumalee, pode indicar sinal de abertura a

determinada experiência, manifestando, potencialmente, desde a simples curiosidade até um tipo de interesse mais específico.

Para Goman (2010, p. 51-2), o contato visual é considerado mais amplo quando dura de quatro a cinco segundos, já o de duração menor é, em geral, avaliado como indelicado, falso e desonesto. Knapp (1972, p. 135), por sua vez, considera invasivo o contato visual superior a dez segundos. É claro que esses olhares não podem ser analisados de modo descontextualizado, como já mencionamos, pois, entre amigos íntimos, é provável que haja maior tolerância, já entre estranhos na rua, não. Ademais, o olhar fixo pode, em alguns contextos, significar honestidade na fala (a pessoa *fala olhando nos nossos olhos*), porém em outros, denotar assédio.

Assim, o desvio de contato visual direto pode constituir-se, para Burgoon & Saine (1978, p. 181), como ação referentes a *status* e poder, já que enunciadores, ao perceberem maior poder sob o interlocutor, podem optar por não estabelecer esse contato. Entretanto, o fato de Sumalee ser tailandesa já justificaria as ações da estudante (ter olhado fixamente em alta frequência, mas em curta duração, e não ter assumido no visionamento que estava avaliando sua colega), pois os autores (*ibid*) advertem que essa atitude está ligada à deferência de modo geral.

Bravo (2010, p.40), em outra perspectiva, associa o olhar à autoestima, à (in)segurança e ao *status* do enunciador. Os dados de pesquisa dessa autora (*ibid*) revelaram, em relação ao olhar, que Carlos<sup>8</sup> o evitava; Betty<sup>8</sup> o utilizava para obter aprovação; e Ana<sup>8</sup> o empregava ao interagir, indicando, respectivamente: autoestima e *status* baixos; insegurança e baixo *status*; e grau favorável de segurança e *status*.

O contato visual é, para Knapp (1972, p. 135) e Knapp & Hall (1992, p. 305-6), responsável por diminuir a distância entre os interagentes, justificando o fato de Sumalee não ter desejado contato duradouro nem frontal com Ayelén, e essa ação estar associada à territorialidade (proxêmica), com respectiva violação à *face* negativa da interagente.

---

<sup>8</sup> Carlos, Betty e Ana são colaboradores de pesquisa de Bravo (2010).

De acordo com Knapp & Hall (1992, p. 304-5), há uma regra geral que parece nos motivar a corresponder o olhar do outro do mesmo modo: o alinhamento de expectativas e preferências. Do contrário, ou seja, na incongruência com nossos interagentes, buscamos realizar ações compensatórias. Sobre isso, Goffman (1963) sugere que o contato visual seja responsável por iniciar e manter os encontros sociais, sinalizando interesse na interação. Sumalee, entretanto, mostrou em suas ações (linhas 6, 7, 11, 12, 13 e 14) que não almejava nem iniciar nem manter qualquer conversa com Ayelén, dado o tempo de fixação do olhar e o ângulo oblíquo deste.

#### 4. Considerações Finais

A partir de nossos dados, pudemos constatar que o contato visual entre interlocutores pode ser considerado potencialmente ameaçador, a depender de uma série de fatores, tais como o direcionamento, a duração do contato, a movimentação dos olhos e a distância entre os interagentes. Tanto a literatura acerca do olhar e dos aspectos proxêmicos quanto nossos resultados de pesquisa revelam ser possível atenuar ou intensificar a imposição, conforme quadro a seguir.

**Quadro 2:** Fatores relacionados ao olhar e ação discursiva

| <b>Fatores</b>                | <b>Atenuação</b><br>(menor imposição, maior polidez) | <b>Intensificação</b><br>(maior imposição, menor polidez) |
|-------------------------------|--|---|
| <b>Direcionamento</b>         | Soslaio (lateralizado)                               | Frontal   |
| <b>Duração do contato</b>     | Breve  | Prolongado (sustentado)                                   |
| <b>Movimentação dos olhos</b> | Sem movimentação                                     | Ascendente e descendente                                  |
| <b>Distância</b>              | Interlocutores distantes                             | Interlocutores próximos                                   |

Fonte: autoria própria.

Esse processo de modalização é fruto da ação reguladora da linguagem (processo cognitivo), que ocorre motivada pelas experiências interacionais dos sujeitos (processo social). Em suma, atenuar ou intensificar o olhar dependerá das intenções de tais sujeitos em processo dialético entre a interioridade e a exterioridade, o que nos

permite destacar que o quadro 2 representa uma possibilidade de avaliação, como no caso de nossos dados, porém tais constatações não são universais ou determinantes, haja vista a necessidade de considerarmos o contexto no qual o ato de fala se insere.

Ayelén percebeu o caráter impositivo das ações de Sumalee (olhar fixo, com certo prolongamento e em movimento ascendente e descendente para, depois, manter olhar breve de soslaio e direcionado ao texto – linhas 11 a 14) e reagiu a esse olhar (com as ações de passar a mão na blusa e de puxá-la para baixo – linha 17), conforme revelou no visionamento.

Apesar de Sumalee ter explicitado no visionamento que seu olhar não havia qualquer intencionalidade específica, acabou julgando os atrasos da colega, indo ao encontro do caráter avaliativo (e impositivo) de seu olhar. Esse conjunto de ações de Sumalee (linhas 11 a 14) era responsável por gerar imposição (e ser impolido), mesmo com a tentativa de atenuação (olhar de soslaio e, posteriormente, direcionado ao texto – linha 14).

Na medida em que Ayelén se aproximava, Sumalee, para não potencializar a imposição devido à proximidade entre as interlocutoras, buscou não permanecer com o olhar fixo, nem realizar mais os movimentos ascendente e descendente, mas lateralizar o olhar e retorná-lo para o texto (em momento de menor distância entre ambas), como se estivesse realizando ajustes para não invadir o território da colega. Mesmo diante dessa tentativa de suavização de atos impositivos, as reações de Ayelén sugeriram (e foram comprovadas no visionamento) que houve desconforto, funcionando, na totalidade, como ações impolidas/impositivas com tentativa (sem sucesso) de mitigação.

Ressalto, assim, que as semioses não verbais sinalizaram tanto a intenção de Sumalee em avaliar a estudante quanto à sua impontualidade quanto a tentativa (sem sucesso) de mitigação de suas ações não verbais, com vistas a minimizar a ameaça, inerente às características do olhar lançado, almejando, com isso, resguardar a *face* da colega e a sua própria *face*. Essa escolha da colaboradora, de certo modo, reivindica para si mesma os custos (deixa de estabelecer, por mais que ela queira, contato visual

frontal, prolongado, ascendente e descendente, e proximamente à interlocutora) e transfere para Ayelén os benefícios (deixa de receber olhar avaliativo e impositivo).

Destaco que o estudo realizado neste artigo sobre o olhar, como estratégia de (im)polidez, é resultado de uma pesquisa qualitativa e, por conseguinte, de uma pesquisa contextualmente situada. Almejo, desse modo, que as investigações relativas a essa semiose avance por meio de outras “lentes teóricas” (reflexões de pesquisas futuras sobre o tema) e de outras “lentes metodológicas” (ingresso em outras comunidades de prática e olhar para outros contextos de pesquisa), de modo que seja possível auxiliar, por meio da linguagem, estudantes de português como língua adicional a compreenderem melhor o universo da língua/cultura alvo.

Por fim, espero que este trabalho possa contribuir para futuras investigações sociointeracionais, pragmáticas e sociocognitivas, especialmente as de abordagem socio/interculturais, na microanálise situada das ações dos participantes, no que concerne às estratégias de negociação de recursos não verbais na interação (intercultural) face a face, especialmente por serem pouco investigados em estudos dessa natureza.

## Referências

- ALBUQUERQUE. *Um estudo de polidez no contexto de L2: estratégias de modalização de atos impositivos por falantes de espanhol*. 2015. 372f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ANGROSINO, M. Etnografia e Observação Participante. Tradução de José Fonseca. In: FLICK, U. (Ed.). *Coleção Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARGYLE, M. & DEAN, J. Eye Contact, Distance and Affiliation. In: LAVER, J. & HUTCHESON, S. *Communication in face to face interaction*. England: Penguin Books, 1972 [1965].
- \_\_\_\_\_; INGHAM, R.; ALKEMA, F. & McCALLIN, M. The Different Functions of Gaze. In: KENDON, A. (Ed.). *Nonverbal Communication, Interaction, and Gesture*. USA: Mouton Publishers, 1981.
- ATKINSON, J. M. & HERITAGE, J. Jefferson’s transcript notation. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (Eds.). *The Discourse Reader*. 2nd ed. USA: Routledge, 2006 [1984].
- BARBOUR, R. Introdução aos grupos focais. In: \_\_\_\_\_. *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

- BORTONI-RICARDO, S. M. Postulados do paradigma interpretativista. In: \_\_\_\_\_. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRAVO, D. Panorámica breve acerca del marco teórico y metodológico. In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004a.
- \_\_\_\_\_. Tensión entre universalidad y relatividad en las teorías de la cortesía. In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004b.
- \_\_\_\_\_. Pragmática socio-cultural: La configuración de la imagen social como premisa socio-cultural para la interpretación de actividades verbales y no verbales de imagen. In: ORLETTI, F. & MARIOTTINI, L. (Eds.). *(Des)cortesía en español: Espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. Roma-Estocolmo: Università degli Studi Roma Tre-EDICE, 2010.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BURGOON, J. K. & SAINÉ, T. *The Unspoken Dialogue: An introduction to Nonverbal Communication*. USA: Houghton Mifflin Company, 1978.
- CANÇADO, M. Papéis Temáticos. In: \_\_\_\_\_. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DAVIS, F. *Comunicação não verbal*. Tradução de Antonio Dimas. São Paulo: Summus, 1979.
- EXLINE, R. V. & FEHR, B. J. The assessment of gaze and mutual gaze. In: SCHERER, K. R. & EKMAN, P. (Eds.). *Handbook of methods in nonverbal behavior research*. USA: Cambridge University Press, 1982.
- FRASER, B. Perspectives on politeness. *Journal of Pragmatics*, v. 14, n. 2, p. 219-36, 1990.
- GIVENS, D. Greeting a Stranger: Some Commonly Used Nonverbal Signals of Aversiveness. In: KENDON, A. (Ed.). *Nonverbal Communication, Interaction, and Gesture*. USA: Mouton Publishers, 1981.
- GOFFMAN, E. *Behavior in Public Places*. New York: Free Press of Glencoe, 1963.
- \_\_\_\_\_. *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. UK: Penguin University Books, 1967.
- GOMAN, C. K. *A vantagem não verbal*. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- GRICE, H. P. Logic and Conversation. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (Eds.). *The Discourse Reader*. 2nd ed. USA: Routledge, 2006 [1975].
- GUMPERZ, J. J. On interactional sociolinguistic method. In: SARANGI, S. & ROBERTS, C. (Eds.). *Talk, work and institutional order*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1999.
- HALL, E. T. A System for the Notation of Proxemic Behavior. *American Anthropologist*, v. 65, n. 5, p. 1003-26, 1963.
- JOHNSTONE, B. *Qualitative Methods in Sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2000.
- KENDON, A. Some functions of gaze-direction in social interaction. *Acta Psychologica*, n. 26, p. 22-63, 1967.

\_\_\_\_\_. Movement coordination in social interaction: Some examples described. *Acta Psychologica*, v. 32, n. 2, p. 101-25, 1970.

\_\_\_\_\_. *Conducting interaction: Patterns of behavior in focused encounters*. USA: Cambridge University Press, 1990.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. ¿Es universal la cortesía? In: BRAVO, D. & BRIZ, A. (Eds.). *Pragmática Sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español*. España: Ariel Lingüística, 2004.

\_\_\_\_\_. *Análise da Conversação*. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006 [1943].

KNAPP, M. L. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.

\_\_\_\_\_ & HALL, J. A. *Nonverbal Communication in Human Interaction*. 3rd ed. USA: Harcourt Brace Jovanovich, 1992.

KRESS, G. & VAN LEEUWEN, T. Visual interaction. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (Eds.). *The Discourse Reader*. 2nd ed. USA & Canada: Routledge, 2006 [1996].

LAGHRICH, S. Reflexiones sobre la mediación intercultural y experiencias desde la Comunidad Valenciana. *Tonos Digital*, v. 8, p. 1-19, 2004. Disponível em: <http://www.um.es/tonodigital>. Consultado em: 23 de setembro de 2015.

LAKOFF, R. T. The logic of politeness; or, minding your p's and q's. In: CORUM, C. *et al.* (Eds.). *Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 292-305, 1973.

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. London: Longman, 1983.

LYMAN, S. M. & SCOTT, M. B. Territoriality: A neglected sociological dimension. *Social problems*, v. 15, p. 236-49, 1967.

OCHS, E. Transcription as theory. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (Eds.). *The Discourse Reader*. 2nd ed. USA: Routledge, 2006 [1984].

PEASE, A. & PEASE B. *Desvendando os segredos da linguagem corporal*. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

PRETI, D. Normas para transcrição dos exemplos. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Cortesia verbal*. São Paulo: Humanitas, 2008.

RECTOR, M. & TRINTA, A. R. *Comunicação do Corpo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

RULICKI, S. & CHERNY, M. *Comunicación no verbal: Cómo la inteligencia emocional se expresa a través de los gestos*. Buenos Aires: Granica, 2007.

## APÊNDICE

### CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

| Ocorrência   | Sinais                   | Exemplificação   |
|--|--------------------------|--|
| Nome dos participantes   | <b>Negrito</b>           | <b>Nora</b>  |
| Leitura de texto   | “ ”                      | “até o-os soluços e sair depois de alguns momentos pronta e tranquila (...)” |
| Entonação descendente forte  | ?                        | alguma palavra?  |
| Pausa curta, pausa média e pausa longa                               | (.)<br>(..)<br>(...)     | é qui (.) que a dona de casa   |
| Falas e/ou ações simultâneas   | [[ (dois colchetes)      | a suprenderá pode armargar-se”<br>[[((bate à porta))                         |
| Falas e/ou ações sobrepostas   | [ (um colchete)          | [[((bate à porta))<br>[[((deixa de olhar para o texto                        |
| Extensão do som curta, extensão de som média e extensão de som longa | :<br>::<br>:::           | um::   |
| Transcrição parcial ou eliminação de trecho                          | /.../                    | /.../  |
| Truncamento  | /                        | a ma/ a mãe de família   |
| Comunicação não verbal   | (( )) (parênteses duplo) | ((bate à porta))   |

**Fontes:** Atkinson & Heritage (2006 [1984]); Ochs (2006 [1984]); Gumperz (1999) e Preti (2008).